



## O TRABALHO COMUNITÁRIO E A ATUAÇÃO DO MOVIMENTO NACIONAL DE MENINOS E MENINAS DE RUA NO RECIFE - PE (1988-2002)

## THE PERFORMANCE OF THE MOVIMENTO NACIONAL DE MENINOS E MENINAS DE RUA IN RECIFE (1988-2002)

Heliwelton do Amaral Clemente\*

Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

 <https://orcid.org/0000-0003-3727-768X>

[heliwelton12@gmail.com](mailto:heliwelton12@gmail.com)

Humberto da Silva Miranda\*\*

Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE

 <https://orcid.org/0000-0002-6045-3453>

[humbertoufrpe@gmail.com](mailto:humbertoufrpe@gmail.com)

**RESUMO:** *O Grito dos Meninos e Meninas de Rua* foi um jornal produzido pelas crianças e adolescentes junto aos educadores do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) do Recife, a partir de 1988. O objetivo do presente trabalho é trazer à tona elementos da atuação do MNMMR em Recife, a partir de uma análise de tal periódico e de outros documentos e publicações construídas pela entidade, enfatizando o papel do trabalho comunitário do MNMMR, expresso pelos núcleos de base.

**PALAVRAS-CHAVE:** Infâncias; MNMMR; rua; comunidades do Recife;

**ABSTRACT:** *O Grito dos Meninos e Meninas de Rua* was a newspaper produced by children and adolescents together with educators of the Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua [National Movement of Street Boys and Girls] (MNMMR) in Recife, from 1988 onwards. The objective of this paper is to bring to light elements of the MNMMR's performance in Recife from an analysis of this journal and other

---

\* Doutorando em História Social pela UFRPE. Professor de História Efetivo do Governo do Estado de Alagoas.

\*\* Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor do Departamento de Educação da UFRPE. Professor do Programa de Pós-Graduação em História da UFRPE e do Programa Educação, Culturas e Identidades (UFRPE/Fundaj).

documents and publications constructed by the entity, emphasizing the role of the MNMMR's community work expressed by the cores of basis.

**KEYWORDS:** Childhoods; MNMMR; street; Recife's communities;

## INTRODUÇÃO

Analisar a atuação do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR) na cidade do Recife, no período de 1988 a 2002, é o objetivo central do presente trabalho. A participação e o envolvimento das crianças e adolescentes que formavam o MNMMR da capital pernambucana serão evidenciados a partir de uma investigação do jornal *O Grito dos Meninos e Meninas de Rua*, mais conhecido pelo seu nome abreviado, "*O Grito*", uma publicação periódica produzida por meninos, meninas e educadores sociais participantes do MNMMR de Recife.

O recorte temporal do presente trabalho explica-se pelas edições de *O Grito* que constam no acervo do Laboratório de História das Infâncias do Nordeste<sup>1</sup> (LAHIN), 1988 é o ano de surgimento do periódico, período em que a principal demanda do MNMMR foi a luta pela promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Os primeiros anos da década de 1990 foram marcados por um trabalho da organização em prol de uma conscientização sobre tal documento legal e seu cumprimento. As edições do periódico catalogadas presentes no acervo do LAHIN proporcionam uma efetiva análise do jornal em série até 2002, por isso a delimitação em tal recorte.

Em seu trabalho, *A imprensa na história do Brasil*, a historiadora Maria Helena Capelato recomenda que indagar quem são os responsáveis pela publicação de um jornal é uma pergunta pertinente para ser feita por um pesquisador no início de seu trabalho com periódicos (CAPELATO, 1988, pp.

---

<sup>1</sup> Criado em 2015, no contexto das comemorações pelos 25 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente, o laboratório salvaguarda documentos, depoimentos orais, audiovisuais e diversas outras fontes que subsidiam pesquisadores e pesquisadoras da História e de outras áreas.

12-13). Nesse sentido, o trabalho da historiadora Tania de Luca (2008, p. 140) também destaca a importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pelo periódico investigado.

Em sintonia com as recomendações de Capelato (1988) e Luca (2008), entendemos a importância de trazer à tona, mesmo que de forma breve, elementos sobre a organização responsável pela publicação de *O Grito*, o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua. Oportunamente, pedimos assentimento para usar o termo “Movimento” em alternância com a sigla MNMMR. Para entender as linhas de atuação do Movimento, faz-se necessário trazer considerações sobre surgimento de tal entidade. Tratando sobre a produção de trabalhos acerca dos movimentos sociais, Maria Gohn (1997) sintetiza um breve panorama sobre a criação de tais articulações no Brasil, na década de 1980:



Ainda nos primeiros anos da década de 80, no plano da realidade brasileira, novos tipos de movimentos foram criados, fruto da conjuntura político-econômica da época. Foram movimentos que se diferenciavam tanto dos movimentos sociais clássicos — dos quais o movimento operário é sempre tido como exemplar — como também dos “novos” movimentos sociais surgidos nos anos 70, populares e não-populares. Foram os movimentos dos desempregados e das Diretas Já, que se definiam no campo da ausência do trabalho e na luta pela mudança do regime político brasileiro. Questões complexas que surgirão ao final dos anos 80, relativas ao plano da moral, da ética na política etc., estiveram presentes embrionariamente naqueles movimentos. Sua importância é dada pelo papel que desempenharam na política brasileira. O das Diretas Já, por exemplo, surgiu no momento de pico de um ciclo de protestos, contra o regime militar e a política excludente de desemprego, e demarcou o início de um novo ciclo de protestos, então centrado na questão da Constituinte. (GOHN, 1997, p. 285).

Trazer o surgimento do Movimento para o debate é também tratar das “questões complexas”, surgidas na década de 1980, mencionadas por Gohn (1997) e debater sobre a emergência de novos atores sociais como afirma o

trabalho do sociólogo Eder Sader (1988) quando trata das novas configurações e identidades que caracterizam a dinâmica dos movimentos sociais do cenário brasileiro na década de 1980. No cenário político e social do Brasil, a década de 1980 foi profundamente marcada pelo término do regime ditatorial civil-militar, ao passo que a atuação desses “novos movimentos sociais”, como menciona Gohn (1997), expandia-se.

Ao tratar do fim do regime ditatorial civil-militar no Brasil, o historiador Carlos Fico também pontua que a “nova Constituição, que seria aprovada em 1988, foi definitivamente marcada pelo ressurgimento dos movimentos sociais que ocorreu no início dos anos 1980.” (FICO, 2015, p. 103).

É nesse cenário político e social que, de forma descentralizada, vários grupos que consideravam que as políticas públicas desempenhadas pelo sistema FUNABEM/FEBEM<sup>2</sup>, centradas no Código de Menores, eram autoritárias e repressoras se organizaram. A partir de um intercâmbio entre tais grupos, experiências alternativas às práticas do Estado para com as crianças e adolescentes, sobretudo com os que viviam em situação de abandono ou vulnerabilidade social, foram desenvolvidas.

Alguns desses grupos tiveram a oportunidade de se organizar em rede, por meio do *Projeto Alternativas de Atendimento aos Meninos e Meninas de Rua*. Tal projeto também chamado pela sua abreviatura, *Projeto Alternativas*, foi criado em 1981 e implantado em 1982, sendo cofinanciado pelo Fundo das Nações Unidas Pela Infância (UNICEF), pela Secretaria de Ação Social e pela FUNABEM (MNMMR, 2002). Apesar da importância do *Projeto Alternativas* na mobilização pela causa da infância na década de 1980, ressaltamos o que nos apresenta a investigação recente do historiador Humberto Miranda sobre a relação do referido projeto com o surgimento do MNMMR:

---

<sup>2</sup> “A Febem era uma instância estadual da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor – Funabem, que foi criada no primeiro ano da Ditadura Civil-Militar, quando o então Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco promulgava a lei que estabelecia a Política Nacional do Bem-Estar do Menor – PNBEM, fazendo parte dessa política o sistema Funabem/Febem.” (MIRANDA, 2014, p.18).

[...] o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua não surgiu determinantemente do Projeto Alternativas, mas da articulação das organizações não governamentais, mais notadamente de representantes da Igreja Católica progressista, que para além do questionamento da atuação dos governos militares, buscaram se afastar da filantropia caritativa. (MIRANDA, 2021, p. 219).

Nesse sentido, o autor trata sobre o papel de entidades religiosas<sup>3</sup> como o Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI) e da Pastoral do Menor no processo de mobilização e reivindicação nas políticas e legislações voltadas para crianças e adolescentes que culminaram na criação do MNMMR (MIRANDA, 2021). Dessa forma, entendemos que o Movimento emergiu da articulação, de um intercâmbio entre organizações que expressavam suas inquietações e reivindicavam novas políticas sociais no campo da infância.



A partir deste intercâmbio, em 1985, algumas pessoas de diferentes programas sentiram a necessidade de dar um caráter mais político a esta articulação, por entender que se fazia necessário provocar de fato uma mudança na política de atendimento às crianças e adolescentes. Não dava para continuar dependendo apenas de um projeto financiado pelo governo, enquanto a política mantida por este mesmo governo permanecia inalterada e os procedimentos práticos de atendimento continuavam contrariando os mais elementares princípios pedagógicos, como por exemplo, a prática de manter meninos trancafiados em “cafuas” (quartos escuros sem comunicação). (MNMMR, 2002, p. 28).

A decisão de dar um caráter mais político para aquela articulação, mencionada na citação acima, materializa-se em um encontro entre várias entidades que trabalhavam com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Tal evento aconteceu em Brasília, em junho de 1985. Na ocasião, “decidiram criar uma organização não-governamental para a defesa e promoção dos direitos de meninos e meninas de rua do Brasil, o Movimento

<sup>3</sup> O Padre Júlio Lancelotti e o Padre Bruno Secchi, da República do Pequeno Vendedor de Belém do Pará, estavam entre os representantes de tais grupos (MIRANDA, 2021, p. 203).

Nacional de Meninos e Meninas de Rua.” (MNMMR, 1994, p. 12). Nascido em 1985 e com sede em Brasília, o Movimento iniciou seus trabalhos com a intenção de representar, em âmbito nacional, a articulação pela defesa dos direitos da infância e da adolescência marginalizadas no Brasil.

## UM GRITO SOLTO NO AR

Apontando elementos e características essenciais para uma análise dos periódicos como fonte, Capelato (1988, p. 33) afirma que o nome<sup>4</sup> de um periódico pode explicitar elementos sobre o grupo do qual ele é porta-voz ou até mesmo exprimir seus propósitos de luta. Nesse sentido, ao tratar sobre o uso de jornais como fontes históricas, o trabalho<sup>5</sup> do historiador José D'assunção Barros afirma que em alguns casos “os historiadores não precisam despender muito esforço analítico para conseguir nos jornais as diversas posições políticas ou ideologias, pois elas não são escamoteadas e por vezes são até mesmo estampadas já nos títulos dos periódicos” (BARROS, 2019, p. 176).

Dessa forma, iniciar a análise respondendo o motivo do nome do periódico sob nossa investigação, além de oportuno, é tratar sobre um elemento que podia revelar para os seus leitores a finalidade que tal periódico tinha para o MNMMR. Adriano Janssen<sup>6</sup> — educador social do Movimento, redator-chefe e articulador no processo de elaboração do referido periódico — trata sobre a

<sup>4</sup> A autora menciona os seguintes exemplos de títulos de jornais brasileiros que transpareciam o grupo do qual faziam parte ou seus propósitos de luta: *O periódico dos Pobres* (Rio de Janeiro), *O Brado da Miséria* (Pernambuco), *A Voz do Povo* (Belém do Pará), *A voz do Artista* (Goiás), *O Amigo do Escravo* (Rio de Janeiro), *O Operário* (Fortaleza), *A Questão Social* (Santos) (CAPELATO, 1988, p. 33).

<sup>5</sup> O trabalho de Barros (2019) e o de Luca (2008) tratam os periódicos como todos os tipos de publicação impressa que circulam publicamente com algum tipo de periodicidade, seja esta diária, semanal, anual ou até mesmo irregular.

<sup>6</sup> Adriano Janssen nasceu na Holanda em 1933 e veio para o Brasil na década de 1950, para concluir seus estudos como seminarista. Em terras pernambucanas, foi padre, atuou na Juventude Operária Católica (JOC) e após largar o sacerdócio casou com Helena Janssen, outra militante pela causa da infância com papel preponderante dentro do MNMMR. Na década de 1980, Adriano chegou a ser Conselheiro Municipal de Direitos da Criança e do Adolescente e atuou em várias instituições que trabalhavam com meninos e meninas em situação de vulnerabilidade. Adriano faleceu no final de 2016, deixando como legado, o seu trabalho em defesa dos direitos das crianças e adolescentes.

motivação do título “*O Grito*” ao escrever suas memórias e vivências no trabalho com crianças e adolescentes em situação de rua em Pernambuco, de acordo com o educador:

Grito e choro são reações espontâneas que vêm de dentro do peito, sempre provocadas pela dor ou pela alegria. No caso dos nossos meninos, constatamos mais dor do que alegria. No entanto, ter um espaço onde eles pudessem gritar sua dor era por demais importante. (JANSSEN, 2013, p. 42).

Analisando a citação acima e realizando um entrecruzamento com outras publicações de divulgação do Movimento<sup>7</sup>, entendemos que *O Grito* também é fruto das situações enfrentadas por esses meninos e meninas e possui múltiplos significados para a entidade.

O trabalho de Capelato (1988) ressalta o potencial dos jornais que envolvem lutas políticas e sociais, como no caso de *O Grito*: “O confronto das falas, que exprimem idéias e práticas, permite ao pesquisador captar, com riqueza de detalhes, o significado da atuação de diferentes grupos que se orientam por interesses específicos.” (CAPELATO, 1988, p. 34). Em sintonia com as supracitadas afirmações da historiadora, ressaltamos o potencial do jornal *O Grito* enquanto fonte histórica para a investigação das reivindicações específicas da organização responsável pela sua elaboração.

Analisando os dois primeiros anos de existência do periódico, encontramos matérias com os seguintes títulos: “Basta de violência”, “Criança não é caso de Polícia”, “Um, dois, três, queremos nossas leis” e “Estatuto já”. Tais títulos são exemplos de uma reivindicação específica do MNMMR e todas elas foram publicadas entre setembro e novembro de 1989. Essas matérias sintetizam a pressão pela mudança no panorama legal do país no âmbito da infância e adolescência que viria, ao menos em tese, no ano seguinte com a

---

<sup>7</sup> As publicações envolvidas no mencionado entrecruzamento foram: *Meninos e Meninas Revivendo sua História: 10 anos* (MNMMR, 1995); *Diga aí menino! Fale aí, menina!* (MNMMR, 1996); *Organização de meninos e meninas de rua: a arte de educar para a vida* (MNMMR, 2002).

promulgação do ECA. Dessa forma, o jornal também reflete como o Movimento se organizou em torno de suas demandas específicas em cada momento.

**Figura 1.** Capa da edição de setembro de 1989 do jornal *O Grito*.



Fonte: Acervo do Laboratório de História das Infâncias do Nordeste (LAHIN).

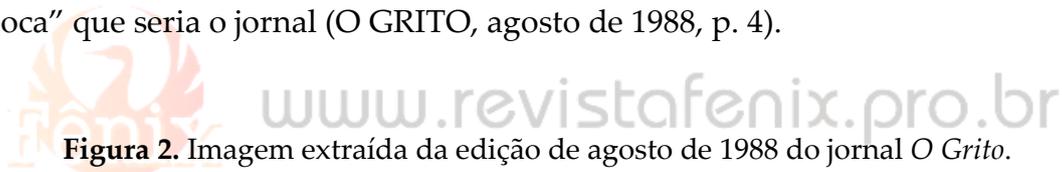
No exercício de uma reflexão sobre as fontes documentais presentes na construção de trabalhos sobre a História das infâncias no Brasil, as historiadoras Esmeralda Moura e Sílvia Arend (2020) propõem um desmembramento desses repertórios de fontes documentais em três grupos: “as que tratam *sobre* as crianças, as que foram produzidas *para* as crianças e as que foram geradas *pelas* crianças ou por pessoas adultas sobre a infância” (MOURA; AREND, 2020, p. 47). Por conseguinte, o jornal *O Grito* se insere nas fontes geradas pelas próprias crianças e adolescentes — envolvendo também pessoas adultas responsáveis por práticas educativas do MNMMR — e nos revela elementos do cotidiano dos meninos e meninas nas ruas da capital pernambucana, durante o nosso recorte temporal que é de 1988 até 2002.

Como afirmam Barros (2019) e Luca (2008), a periodicidade é elemento que constitui a própria noção de periódico. Desde os primeiros contatos com *O Grito*, a irregularidade em sua periodicidade nos chamou atenção. De acordo com sua edição de inauguração: “Todos os meses vamos gritar através desta ‘boca’.” (O GRITO, agosto de 1988, p. 4). Tal afirmação abre espaço para

pensarmos que a ideia inicial da organização era publicar o jornal mensalmente, pretensão que não foi concretizada.

Ao direcionar nossa investigação para o intervalo entre as edições, percebemos que a irregularidade é um elemento presente em todos os anos do jornal. A elaboração do jornal estava diretamente ligada às atividades com os meninos e meninas, dessa forma, imprevistos e percalços relacionados às atividades pedagógicas apresentam-se como motivos de tal irregularidade.

Analisando as fontes, trouxemos respostas para as seguintes indagações: o que era *O Grito* para o MNMMR de Recife? Que termos o próprio jornal se atribuía? Logo na primeira edição da publicação, o jornal reserva metade de sua segunda página para uma autoapresentação, na qual questiona as “tão poucas chances” e pergunta por qual motivo a sociedade está tratando aqueles meninos e meninas tão mal. Nesse contexto, prometem gritar através da “boca” que seria o jornal (*O GRITO*, agosto de 1988, p. 4).



**Figura 2.** Imagem extraída da edição de agosto de 1988 do jornal *O Grito*.



Fonte: Acervo do Laboratório de História das Infâncias do Nordeste (LAHIN).

Uma publicação que fala sobre as formas de organização e trabalho do Movimento de Pernambuco<sup>8</sup> define o jornal como “um instrumento de

<sup>8</sup> A publicação busca registrar a trajetória do MNMMR em Pernambuco, celebrando seus 17 anos de existência. Os textos contam com diversas ilustrações e fotos que retratam as atividades do Movimento

denúncias e protestos da meninada, levando às ruas e periferias o grito escrito dos meninos e meninas, alertando a sociedade sobre situações e injustiças sociais.” (MNMMR, 2002, p. 48).

A 16ª edição do jornal foi para as ruas em agosto de 1991 e, em tom comemorativo, falou sobre o que representava o periódico para a instituição responsável por sua elaboração. Ressaltando o jornal como uma das “grandes riquezas do Movimento”, a referida edição afirmava:

Comparando-se a existência do Grito com jornais de outros movimentos, podemos nos considerar fortes e persistentes. O que é mais uma prova de organização constante. O nosso jornal sempre publica matérias sobre a vida dos meninos, com destaque, pois o Grito pertence a eles, sendo uma das poucas coisas que têm na vida. (O GRITO, agosto de 1991, p. 3).

Tal edição trazia uma matéria que celebrava o aniversário<sup>9</sup> de 6 anos de existência do MNMMR. O jornal enfatizou o envolvimento dos meninos, meninas, educadores e educadoras da organização e atribuiu a força do jornal naquele momento ao trabalho de seus colaboradores.

É por isso tudo que o grito de Pernambuco é muito forte e impressiona a todos. Porque combatemos a violência a que os meninos são submetidos no seu dia-a-dia; denunciemos maus tratos, violência e mortes; lutamos por leis novas e mais justas; oferecemos formação para os educadores; ajudamos no fortalecimento da organização dos meninos e meninas do Centro do Recife e Olinda, além dos bairros mais problemáticos... (O GRITO, agosto de 1991, p. 1).

Dessa forma, temos afirmações que apontam que o veículo de informação girava em torno da organização das atividades dos meninos e meninas. A razão de existir do jornal era ser um espaço para que as crianças e

---

por todo estado e tratam sobre a história, as formas de organização e as práticas pedagógicas do MNMMR em terras pernambucanas.

<sup>9</sup> Em Pernambuco a data de aniversário do MNMMR é comemorada no dia 10 de agosto (O GRITO, agosto de 1991, p. 1).

adolescentes do MNMMR do Recife pudessem participar da construção de notícias e vê-las publicadas.

Carinhosamente chamado por vezes de “nosso jornalzinho” (O GRITO, outubro de 1988, p. 1), o periódico pernambucano não possuía financiamento. Nele, a publicidade era praticamente inexistente<sup>10</sup> e sua distribuição era gratuita. A impressão dos jornais dava-se através de gráficas parceiras, geralmente ligadas a sindicatos. Tais elementos reforçam que *O Grito* não era um instrumento de arrecadação e sim estratégia de comunicação e conscientização.

Pensar no periódico enquanto estratégia de comunicação da organização implica em pensar em como ele era produzido e a quem se destinava, elementos apontados como essenciais para analisar um jornal, conforme afirma o trabalho de Capelato (1988). De acordo com o redator-chefe do jornal no período em questão, Adriano Janssen, acontecia na sede do MNMMR<sup>11</sup> com a frequência semanal, uma reunião entre ele, meninos, meninas e educadores. Juntos, escutavam os fatos e selecionavam as matérias para preparar o jornal. Nos ditos do educador do Movimento: “Tudo que acontecia nas ruas a turma trazia para ser publicado. A dinâmica era muito interessante, todos os fatos eram colocados e juntos fazíamos a seleção.” (JANSSEN, 2013, p. 41).

A distribuição do periódico é outro importante elemento mencionado por Adriano Janssen. De uma forma mais geral, o educador nos conta que a maior parte dos jornais era distribuída pelos próprios meninos e meninas em lojas, repartições e escolas (JANSSEN, 2013). Segundo o próprio jornalzinho, os exemplares iam “[...] para os colegas na rua, nos bairros, nas ocupações e nas

<sup>10</sup> Encontramos apenas duas propagandas no jornal, ambas em edições do ano de 1989, a primeira na 4ª edição que foi às ruas no mês de julho e a segunda na 8ª, publicada em novembro daquele ano.

<sup>11</sup> Nas primeiras edições consta que a sede fica no seguinte endereço: Rua Floriano Peixoto, 85 - Edf. Vieira da Cunha - sala 341, Recife. A partir das edições do segundo semestre de 1994, o endereço que consta nas edições muda para: Rua Capitão Lima, 132 - Santo Amaro - Recife. Esse último ainda é o atual endereço da sede do MNMMR na capital pernambucana.

escolas noturnas. É lá que se discutem sobre os fatos noticiados, suas causas e consequências, fazendo deste jornal mais um instrumento de reflexão.” (O GRITO, agosto de 1991, p. 3). Quando menciona “os bairros”, a matéria está tratando, sobretudo, dos bairros do Recife onde o Movimento atuava através de seus núcleos de base, ponto que será explorado no presente trabalho.

De uma forma geral, a maioria das notícias trata de situações de violência para com meninos e meninas ocorridas nos bairros do Recife e em alguns bairros de cidades vizinhas. Outros municípios da Região Metropolitana do Recife<sup>12</sup> também costumavam aparecer com notável frequência, o que nos faz acreditar que o jornal também chegava a esses lugares, visto que as notícias eram construídas, por muitas vezes, a partir de relatos dos lugares de onde vinham os meninos e meninas integrantes do Movimento.

## OS NÚCLEOS DE BASE DO MOVIMENTO NACIONAL DE MENINOS E MENINAS DE RUA EM PERNAMBUCO

A própria análise do jornal *O Grito* revela-se como uma forma de observar como o MNMMR se organizou e atuou na luta pela construção da sociedade que almejava. No âmbito da gestão, a composição administrativa do MNMMR foi pensada no sentido de ser um meio para que a entidade alcançasse seus objetivos, materializando suas estratégias e táticas de organização. Tal estrutura dividia-se em quatro instâncias, chamadas de Comissão Local, Estadual, Regional e Nacional<sup>13</sup> (MNMMR, 1988, p. 20). A organização buscava uma composição administrativa:

[...] leve, orgânica, desburocratizada, descentralizada, transparente, pautada na horizontalidade das tomadas de decisões e que combine democracia representativa com a

<sup>12</sup> Principalmente, Olinda, Jaboatão dos Guararapes e Paulista.

<sup>13</sup> As quatro instâncias mencionadas, por vezes, também aparecem nos documentos do MNMMR como três níveis: nível local, nível regional e nível nacional. A Comissão Sub-regional se apresenta como divisão da Comissão Regional.

democracia participativa, tendo em vista a agilidade na tomada e execução das decisões, a valorização da diversidade cultural existente no país, a otimização dos recursos e ampliação de participação e controle das comissões locais na vida do Movimento. (MNMMR, 1990, p. 9).

Nesse sentido, o núcleo de base é um elemento imprescindível ao entendimento da estrutura organizacional e da dinâmica pedagógica do Movimento. Esses núcleos eram os espaços pedagógicos do MNMMR, em outras palavras, eram os locais de referência em que os educadores, voluntários, meninos e meninas se reuniam.

Tratando sobre a forma como tais espaços surgiam, a publicação de divulgação da entidade, *Revivendo sua história* afirma: “O Núcleo de Base pode surgir em várias formas de agrupamento: local de moradia, escola, programa de atendimento, grupo de amigos, grupos culturais e de outras formas.” (MNMMR, 1995, p. 12). Tal citação já aponta para a multiplicidade e heterogeneidade de tais espaços.

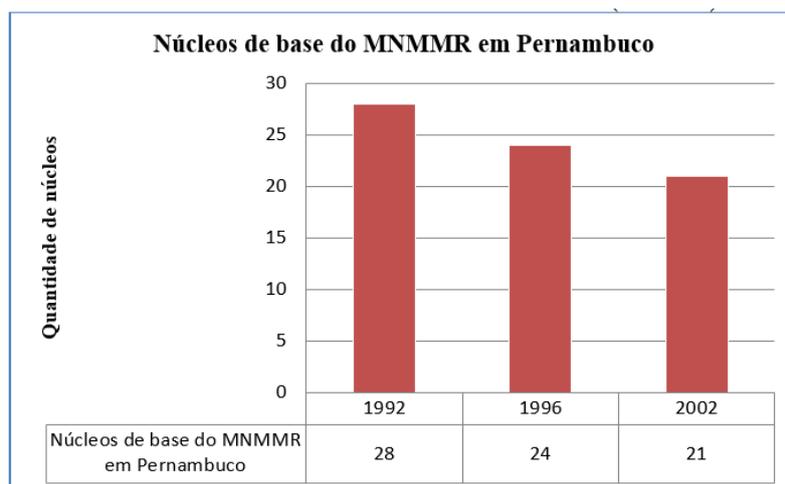
Esses locais, onde as reuniões aconteciam com data e hora marcadas, constituíam espaços de discussão sobre as demandas e elaboração de propostas da organização. Eram também espaços para brincadeiras e dinâmicas lúdicas, que tinham por objetivo facilitar o entrosamento e a expressão das vivências desses meninos e meninas (MNMMR, 1995, 2002). O trabalho de Pereira (2011) também ressalta a importância de tais espaços: “são nos núcleos de base onde tudo acontece e derivam as ações e as políticas do MNMMR, pois lá está a parte mais interessada no processo: os meninos e meninas de rua ou os que já saíram das ruas.” (PEREIRA, 2011, p. 129).

É importante ressaltar que entre esses espaços existia uma multiplicidade de atividades, funções e particularidades a depender de fatores como a cultura do local onde esse núcleo estava situado. Dessa forma, encontramos relatos de núcleos que trabalhavam com capoeira, futebol, artesanato e diversas outras atividades (MNMMR, 2002, p. 43).

Através da nossa investigação, percebemos que na segunda metade do ano de 1992 existiam 28 núcleos base consolidados no estado de Pernambuco. O número apresenta-se como expressivo, haja vista que o único que estado que possuía mais núcleos que Pernambuco era São Paulo, com 35 (PÉ DE MOLEQUE, setembro de 1992, p. 5).

Apontando os núcleos de base como estrutura fundamental da organização, uma publicação do MNMMR em parceria com a *Save the Children*<sup>14</sup> afirma: “Os núcleos de base são grupos de crianças e adolescentes de rua ou de bairros populares. Eles podem funcionar na própria rua quanto em casas na comunidade e se encontrar uma vez por semana.” (MNMMR, 1996, p. 7). De acordo com a mesma publicação, no ano de 1996, Pernambuco possuía 24 núcleos de base. Já no ano de 2002, Pernambuco agora contava com “21 Núcleos de Base organizados” (MNMMR, 2002, p. 34). O gráfico a seguir ilustra a quantidade de tais espaços ao longo do período de 1992 até 2002, que se localiza dentro de nosso recorte temporal.

**Gráfico 1.** Número de núcleos de base do MNMMR em Pernambuco (1992-2002)



Fonte: elaborado pelo próprio autor a partir de informações colhidas na documentação do MNMMR.

<sup>14</sup> Criada em 1919, a *Save the Children* é uma organização não governamental que atua em defesa dos direitos da infância. A ONG possui uma atuação global na prestação de ajuda humanitária e apadrinhamento de crianças.

A partir do que foi mostrado no gráfico acima, fica perceptível que nesses 10 anos passados o número de núcleos de base do Movimento no estado<sup>15</sup> passou de 28 para 21. Não encontramos na documentação do MNMMR um motivo aparente para tal diminuição. Outro fator a ser destacado é que todos os núcleos de base do Estado de Pernambuco possuíam seus próprios nomes. Em nossa investigação, encontramos os nomes e os municípios onde se situavam os 28 núcleos de base que representavam a atuação do Movimento em Pernambuco no período de 1992 a 2002.

**Quadro 1.** Nome dos 28 núcleos de base do MNMMR em Pernambuco no período de 1992 até 2002

Municípios	Nome dos núcleos de base
Araçoiaba	- Esperança
Goiana	- Girassol (Sítio Capim de Cheiro)
Gravatá	- Meninos do Sol
Igarassu	- União dos Meninos e Meninas Trabalhadores de Igarassu(UMMTI)
Olinda	- Comunidade Jovem do Futuro
	- Renascer
	- Sobe e Desce
Petrolina	- Meninos do Vale
Recife	- Artistas de Rua - Comunidade Assumindo Suas Crianças - Coração de Menino - Força Jovem - Girassol e Conquista - Lutando Pela Verdade - Luz do Amanhã - Meninos e Meninas da Comunidade - Meninos e Meninas da Rua - Núcleo Jovem - Passo Firme - Querer e Poder - Resistência - Saramandaia na Conquista - Semente do Amanhã - União de Todos - União e Liberdade - Vamos à Luta Para Vencer

<sup>15</sup> De acordo com a publicação *Diga aí menino, fale aí menina* (MNMMR, 1996) o MNMMR possuía 24 núcleos de base em Pernambuco no ano de 1996.

	- Vivendo e Aprendendo
Timbaúba	- Meninos e Meninas de Timbaúba

Fonte: elaborado pelo autor com base em informações encontradas em publicações e documentos do MNMMR.

A publicação do MNMMR que fala sobre como a entidade se organizava em Pernambuco afirma que existiam 3 segmentos de núcleos de base no estado: núcleos de meninos e meninas que habitavam as ruas, de adolescentes trabalhadores nos canaviais, e de meninos e meninas que moram em morros, córregos e favelas (MNMMR, 2002). Tal divisão aponta para o reconhecimento, por parte do Movimento, das especificidades e da complexidade da problemática das crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade debatidas no trabalho de Rizzini e Couto (2019). Outro ponto a se destacar é a distribuição dos núcleos e comissões, dessa vez numa perspectiva geográfica, pelo estado pernambucano:

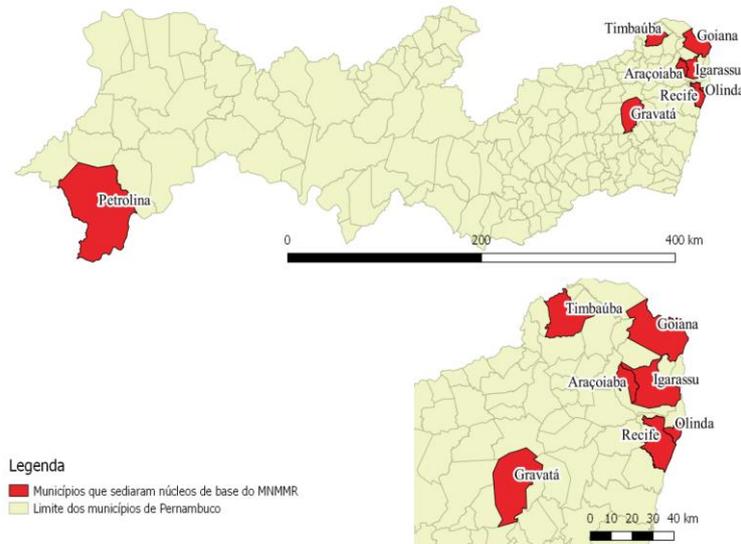


O MNMMR, em Pernambuco, já contou com Núcleos de Base e Comissões Locais em outras cidades, além da capital: Jaboatão, Prazeres, Bonança, Petrolina e Timbaúba. Atualmente, contamos com uma comissão em Gravatá, três em Recife, uma em Olinda, uma em Igarassu e uma se formando em Araçoiaba. (MNMMR, 2002, p. 34).

A citação aponta para uma descentralização na estrutura do Movimento em terras pernambucanas, haja vista que os núcleos de base eram espaços pedagógicos e as comissões locais eram espaços administrativos. Por conseguinte, é possível encontrar matérias no jornal *O Grito* que falam dos municípios mencionados<sup>16</sup>. Através do nosso trabalho de pesquisa, elaboramos um mapa que ilustra, no período de 1992 a 2002, a presença dos 28 núcleos de base — que tiveram seus nomes mencionados no Quadro I — no estado Pernambuco.

<sup>16</sup> Um lugar que por diversas vezes é mencionado nas edições do periódico é o sítio Capim de Cheiro, localizado nas redondezas do município pernambucano de Goiana, que fica na divisa com o estado da Paraíba.

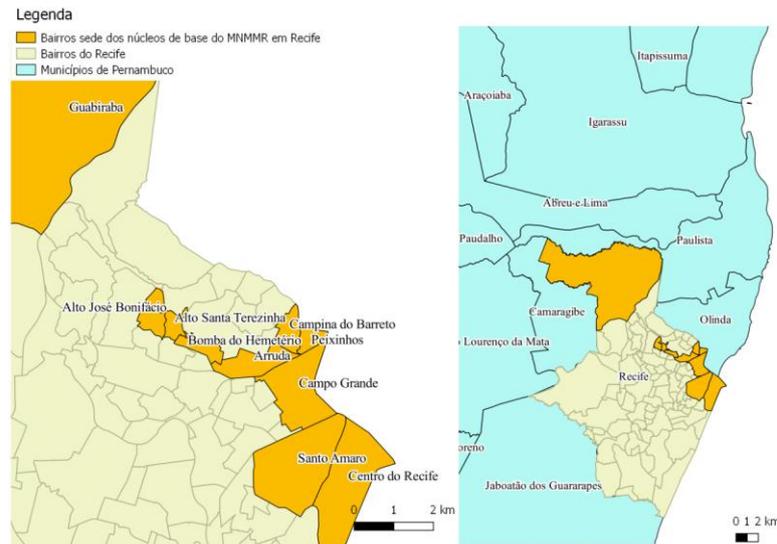
**Mapa 1.** Municípios que sediaram núcleos de base do MNMMR no período de 1992 até 2002



Fonte: elaborado pelo próprio autor com base em informações encontradas em publicações e documentos do MNMMR.

Através do contato com a organização e do trabalho de pesquisa com as publicações e documentos do Movimento, foi possível traçar também um panorama dos núcleos de base da capital pernambucana, mas não obtivemos informações detalhadas sobre a localização das comissões locais, unidades relacionadas a estrutura administrativa. Dos 28 núcleos de base que representam a atuação do Movimento em Pernambuco de 1992 a 2002, 19 localizavam-se no Recife. No *Mapa 2*, apontamos em que bairros estavam situados tais núcleos.

**Mapa 2.** Bairros do Recife que sediaram núcleo de base do MNMMR no período de 1992 até 2002



Fonte: elaborado pelo próprio autor com base em informações encontradas em publicações e documentos do MNMMR.

A partir do mapa acima, percebemos que na capital pernambucana, os núcleos se distribuíam mais notadamente na região em torno do Centro e na Zona Norte do Recife. Como ilustrado, excetuando-se o bairro da Guabiraba, os bairros que sediavam os núcleos do Movimento eram interligados. O Alto José Bonifácio e Alto Santa Terezinha são lugares marcados por escadarias, ladeiras e becos. Um ponto a se destacar é que boa parte dos bairros<sup>17</sup> como Santo Amaro, Campo Grande, e Campina do Barreto, fazem divisa com o município de Olinda.

Através de nossa investigação, apontamos que a principal sede do MNMMR na capital pernambucana, localizada no bairro de Santo Amaro, era o local de elaboração das edições do jornal *O Grito*. Tal produção envolvia meninos e meninas integrantes dos núcleos de base que se localizavam nos bairros mostrados no *Mapa 2*. A equipe de elaboração do jornal possuía de 5 a 8 membros dentro do período abrangido por nosso recorte temporal.

<sup>17</sup> Também existe um bairro chamado Peixinhos em Olinda e faz divisa com seu bairro homônimo em Recife.

As atividades desenvolvidas nos núcleos de base, por muitas vezes, aparecem nas páginas de *O Grito*. Nesse sentido, encontramos uma notícia que fala até mesmo de um núcleo de base que foi fundado a partir de uma reunião com crianças e adolescentes. A matéria intitulada “Nasceu o Núcleo de Base Artistas de Rua” nos conta que 31 meninos assistidos pelo Grupo Ruas e Praças se reuniram no bairro dos Coelhos<sup>18</sup> nos dias 29 e 30 de abril daquele ano de 1995. Junto com os 31 meninos, estava Gilson, um rapaz de 21 anos que passou a infância nas ruas, uma parte de seu depoimento resultou em notícia do periódico:

Gilson contou que discutiram sobre a organização dos meninos e meninas de rua e decidiram formar um novo núcleo de base do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua. O núcleo vai se chamar “Artistas de Rua”. Segundo ele, “o nome é porque cada um sabe fazer alguma coisa. E enquanto a prefeitura deixar, teremos espaço na rua para mostrar nossa arte. Por isso, somos os artistas de rua”, completou. (O GRITO, junho de 1995, p. 3).

Ao afirmar que a discussão com os meninos e meninas foi imprescindível para a criação de um núcleo de base do MNMMR, a notícia supracitada aponta para a autonomia e a participação desempenhada pelas crianças e adolescentes nesses núcleos. Tais elementos aparecem nas publicações do Movimento como propósitos de tais espaços pedagógicos (MNMMR, 1994, p. 31). Também percebemos aqui elementos da horizontalidade nas relações do MNMMR com os meninos e meninas, algo que remete ao conceito de participação protagônica trabalhado pela historiadora Elisângela Machieski (2019). Nesse sentido, ressaltamos a importância do jornal *O Grito* e do trabalho comunitário do MNMMR, através dos núcleos de base, para a dinâmica de atuação da entidade no Recife, dentro de nosso recorte temporal.

<sup>18</sup> Coelhos é um bairro periférico próximo ao centro do Recife.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na construção do presente trabalho buscamos analisar o papel das crianças e adolescentes integrantes do Movimento Nacional de Meninos em Meninas de Rua em Recife no jornal *O Grito*. Entendemos o jornal enquanto atividade que fazia parte do trabalho do MNMMR de organizar e politizar os meninos e meninas para o debate em torno de suas demandas. A investigação aqui apresentada contribui para a História das Infâncias no sentido de trazer à tona a análise de uma fonte construída com a participação de crianças e adolescentes que atuaram junto a um movimento social.

Direcionar o foco para os núcleos de base revelou-nos que Pernambuco possuía grande relevância para o MNMMR, haja vista que era o 2º estado com mais núcleos do Movimento. A partir da nossa investigação, percebemos a heterogeneidade entre os núcleos de base e o seu papel fundamental no trabalho da entidade.

O mapeamento dos núcleos de base no estado e na capital pernambucana além de representar um adensamento no trabalho de pesquisa acerca da presença do MNMMR em Pernambuco, apresenta dados e informações relevantes para futuras pesquisas sobre tal movimento social.

Os elementos que apontam para a relação entre o jornal *O Grito* e os núcleos de base da entidade, que aqui foram apresentados, representam componentes da dinâmica do trabalho comunitário com crianças e adolescentes desenvolvido pelo MNMMR. Tal dinâmica permeou o trabalho dos educadores sociais da entidade e as atividades desenvolvidas pelos meninos e meninas na capital pernambucana, que tiveram a oportunidade de trazer seus gritos escritos e desenhados para as ruas por meio de um jornal.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, José D'assunção. **Fontes históricas**: introdução aos seus usos historiográficos. Edição Digital. ed. Petrópolis: Vozes, 2019.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Editora Contexto; EDUSP, 1988.
- FICO, Carlos. **História do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Contexto, 2015.
- GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- JANSSEN, Adriano. **Porque tem meninos e meninas de rua**. Olinda: CCS Gráfica e Editora, 2013.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-154.
- MACHIESKI, Elisangela da Silva. **Infâncias em processo**: direitos, famílias, (des) abrigamentos. Santa Catarina, década de 1990. 2019. 280 p. Tese de Doutorado (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História - Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, 2019.
- MIRANDA, Humberto da Silva. **Nos tempos das Febems**: memórias de infâncias perdidas (Pernambuco / 1964-1985). 2014. 348 f. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em História, UFPE, Recife, 2014.
- \_\_\_\_\_. Entre chegadas e partidas: do Projeto Alternativas ao Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (Brasil, década de 1980). **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 13, n. 25, p. 200-222, 2021.
- MNMMR. Documento de teses e propostas aprovadas na III Assembléia Nacional. Edição Preliminar. Brasília: MNMMR, 1988. Acervo: LAHIN.
- \_\_\_\_\_. **Teses e Propostas**: IV Assembleia Nacional (agosto 1990). Brasília: MNMMR (Gestão 1990-1992), 1990. Acervo: LAHIN.
- \_\_\_\_\_. **Uma trajetória de luta e trabalho em defesa da criança e do adolescente**. Coleção: Cadernos de Defesa de Direitos, Série 3. São Paulo: MNMMR/UNICEF, 1994.

\_\_\_\_\_. **Meninos e Meninas Revivendo sua História: 10 anos (1985-1995).** Recife: MNMMR-PE, 1995. Acervo: LAHIN.

\_\_\_\_\_. **Diga aí menino! Fale aí, menina!** Recife: MNMMR-PE/Save the Children (UK/BRASIL), 1996. Acervo: LAHIN.

\_\_\_\_\_. **Organização de meninos e meninas de rua: a arte de educar para a vida.** Recife: Comissão Estadual do MNMMR de Pernambuco, 2002.

MOURA, Esmeralda Blanco B. de; AREND, Silvia Maria Fávero. Um norte em comum: infância no sul do Brasil na produção historiográfica brasileira. *In*: CARDOZO, José Carlos da Silva *et al*, (org.). **História das crianças no Brasil Meridional.** São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2020. p. 35-56.

O GRITO DOS MENINOS E MENINAS DE RUA. MNMMR-PE. Recife, agosto de 1988. Acervo: LAHIN.

\_\_\_\_\_. MNMMR-PE. Recife, setembro de 1989. Acervo: LAHIN.

\_\_\_\_\_. MNMMR-PE. Recife, agosto de 1991. Acervo: LAHIN.

\_\_\_\_\_. MNMMR-PE. Recife, junho de 1995. Acervo: LAHIN.

PÉ DE MOLEQUE. MNMMR. Brasília, ano I, n. 6, setembro de 1992. Acervo: LAHIN.

PEREIRA, Antonio. A Educação no Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR): A Contribuição do Projeto Axé na legitimação da Pedagogia Social de Rua. **Educação em Revista**, Marília, v. 12, n. 2, p. 125-144, jul.-dez. 2011

RIZZINI, Irene; COUTO, Renata Mena Brasil do. População infantil e adolescente nas ruas: Principais temas de pesquisa no Brasil. **Civitas, Rev. Ciênc. Soc.**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 105-122, abr. 2019. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151960892019000100105&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151960892019000100105&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 28 de dezembro de 2020.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-1980.** 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RECEBIDO EM: 24/01/2022

PARECER DADO EM: 29/04/2022